

Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos

Love, loving relationships and polyamor in the perspective of young university students and the elderly

Amor, relaciones amorosas y poliamor en la perspectiva de jóvenes universitarios y ancianos

Natani Harumi Hatakeyama
Thiago de Almeida
Deusivania Vieira da Silva Falcão

RESUMO: Este estudo teve por objetivo investigar as crenças de jovens universitários e idosos sobre: os conceitos por eles atribuídos à palavra amor, e o que entendem como relacionamentos amorosos, sejam estes monogâmicos, poligâmicos ou poliamorosos. Trata-se de um estudo exploratório, transversal e descritivo. Participaram da pesquisa sete jovens universitários, com idades variando entre 22 a 42 anos e cinco idosos, e idades entre 62 e 68 anos. A amostra foi obtida por conveniência. Observou-se que os conceitos de amor, relacionamentos amorosos, e poliamor são heterogêneos, sendo influenciados pela vivência de cada indivíduo. Alguns fatores externos podem ter contribuído para a formação da concepção do indivíduo, como a cultura, o grupo social, a época vivida etc.

Palavras-chave: Amor; Poliamor; Velhice.

ABSTRACT: *The aim of this study was to investigate the beliefs of young university students and seniors about: the concepts they attribute to the word love and what they understand as love relationships are monogamous, polygamous, or polyamorous. It is an exploratory, cross-sectional and descriptive study. Seven university students, ranging in age from 22 to 42 years old and five elderly people, aged between 62 and 68, participated in the study. The sample was obtained for convenience. It was observed that the concept of love, love relationships and polyamor are heterogeneous and influenced by the experience of each individual. Some external factors may have contributed to the formation of the individual's conception, such as culture, social group, the time lived etc.*

Keywords: *Love; Poliamory; Seniors.*

RESUMEN: *Este estudio tuvo por objetivo investigar las creencias de jóvenes universitarios y ancianos sobre: los conceptos por ellos atribuidos a la palabra amor, y lo que entienden como relaciones amorosas, sean estos monogámicos, poligámicos o poliamorosos. Se trata de un estudio exploratorio, transversal y descriptivo. Participaron de la investigación siete jóvenes universitarios, con edades variando entre 22 a 42 años y cinco ancianos, y edades entre 62 y 68 años. La muestra se obtuvo por conveniencia. Se observó que los conceptos de amor, relaciones amorosas, y poliamor son heterogéneos, siendo influenciados por la vivencia de cada individuo. Algunos factores externos pueden haber contribuido a la formación de la concepción del individuo, como la cultura, el grupo social, la época vivida etc.*

Palabras clave: *Amor; Poliamor; La vejez.*

Introdução

O amor é um sistema complexo e dinâmico, que envolve a cognição, a emoção, e predominantemente comportamentos relacionados à felicidade e à qualidade de vida no cotidiano das pessoas (Almeida, 2017). As pesquisas sistemáticas iniciais acerca do amor originaram-se, notadamente no campo da Psicologia Social e da Personalidade, e uma das dificuldades era como se poderia defini-lo.

No contexto brasileiro, pesquisadores, tais como Reis (1992), Oltramari, (2009), Martins-Silva, Trindade e Silva Junior (2013) buscaram sistematizar revisões teóricas acerca do amor, apresentando algumas teorias, tais como a teoria triangular do amor proposta por Sternberg (1986), e a teoria das cores do amor desenvolvida por Lee (1974).

Na teoria triangular do amor de Sternberg (1986), o amor é resultado da interação entre três componentes: intimidade, paixão e decisão/compromisso. A intimidade ocorre durante o relacionamento com possibilidade de ter uma queda, mesmo que a relação seja bem-sucedida. A paixão surge rapidamente, porém, apresenta um declínio rápido, podendo converter-se em outros sentimentos, tal como o ódio. A dimensão decisão/compromisso demora mais tempo para surgir na relação, porém, tende a manter-se estável ao longo dos anos. Cada um dos elementos do amor pode se modificar com o tempo, alterando a relação.

A teoria das cores do amor de Lee (1974) pressupõe que, assim como nas cores, há diversas variações no amor. Nesse sentido, três cores primárias dão origem a três cores secundárias. Os três tipos primários são *Eros*, *Storge* e *Ludus*; entretanto, os tipos secundários são *Ágape* (*Storge* + *Eros*), *Mania* (*Ludus* + *Eros*) e *Pragma* (*Storge* + *Ludus*). O estilo de amor *Eros* caracteriza-se pela manifestação de paixão, e é o amor que causa sofrimento. Os indivíduos que possuem este estilo de amor demonstram interesse pela aparência física do parceiro; são pessoas que não estão à procura do amor, mas estão preparados para correr o risco relacionado a ele. O estilo *Ludus* é caracterizado pela liberdade de amar, não existindo compromisso com um único parceiro. Pessoas com o estilo *Ludus* não veem contradição em amar diversos parceiros ao mesmo tempo. Pessoas que evidenciam em suas práticas amorosas o estilo de amor *Storge* valorizam a amizade e o companheirismo entre o casal. A atração física fica em segundo plano, pois a questão emocional está acima de qualquer coisa. O estilo de amor *Ágape* é caracterizado pela a junção do fascínio do amor *Eros*, com a baixa sexualização do amor *Storge*.

Este estilo de amor é baseado no amor fraternal, e no altruísmo; o amante que possui este estilo dedica-se mais ao próximo que a si mesmo, tendo uma grande tolerância a comportamentos inadequados. *Mania* é o estilo de amor que agrega a paixão rápida do estilo *Eros* e a tentativa de controle dos sentimentos de *Ludus*.

O indivíduo cuja interação afetiva e amorosa se caracteriza por este estilo de amor é irracional, obsessivo e intensamente dependente. Apresentam comportamentos exagerados, tanto para demonstrar amor, quanto para demonstrar ciúme. O estilo *Pragma* associa a manipulação da consciência característica do *Ludus* e a calma de escolher um parceiro característico do *Storge*. As pessoas que possuem este estilo buscam um parceiro que se adeque a seus padrões sociais, que possua os mesmos interesse como, por exemplo, religião, nível social, escolaridade etc.

O amor, os relacionamentos amorosos, e a sexualidade são temas presentes na sociedade, sobretudo, quando a manifestação dessas características é expressa por jovens. No contexto do envelhecimento e da velhice, o tema ainda é considerado constrangedor e um tabu (Bastos, *et al.*, 2012). Devido à problemática na aceitação das práticas amorosas e manifestações sexuais, vários idosos são condicionados pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a eles, e, assim, acabam incorporando os estereótipos e se tornam seres “assexuados”. Estereótipos que são oriundos de questões religiosas, culturais e morais. Desse modo, os pensamentos preconceituosos vão se disseminando a cada geração (Falcão, 2006). A escassez de informação sobre o envelhecimento, assim como as mudanças biopsicossociais em cada faixa etária, têm auxiliado na manutenção da hostilidade e preconceito em relação à vivência de relacionamentos amorosos e ao exercício da sexualidade na velhice (Almeida, 2008).

A sexualidade no idoso vai muito além do ato sexual e envolve questões biopsicossociais, tendo como exemplo as mudanças biológicas, problemas relacionados à saúde, problemas financeiros, a perda da privacidade etc. Para muitos idosos, atrair o outro está mais ligado à necessidade de querer conviver com outra pessoa e não necessariamente no ato sexual em si. Assim sendo, a manifestação da sexualidade nesta faixa etária se dá de maneira mais acentuada na forma de atenções especiais, carinhos e toques (Almeida, 2013; Bastos, *et al.*, 2012). Na cultura ocidental, prevalece a valorização do jovem, sendo este o símbolo supremo de desejo; com isso, a própria sociedade entra em uma situação paradoxal, pois, quanto mais se envelhece, menos se quer envelhecer. Na velhice, o desejo sexual não desaparece; assim, ao procurarem um parceiro, os idosos buscam o bem-estar, a autoestima, uma relação íntima para a criação de laços e uma união mais intensa (Almeida, & Lourenço, 2008, 2009; Antunes, Mayor, Almeida, & Lourenço, 2010).

A procura por uma única pessoa como parceira é comum numa sociedade majoritariamente monogâmica. Uma opção antagônica à monogamia é a poligamia, que postula como princípio básico a relação com mais de um parceiro, sendo o casamento de um(a) único(a) homem/mulher com diversas(os) mulheres/homens, e essas(es) mulheres(homens) não podem ter outros(as) parceiros(as), além deste(a) único(a) (Pilão, 2012; 2015). Ainda contrário à poligamia, mas com alguma semelhança, tem-se o poliamor, que consiste no mesmo princípio de se ter mais de um parceiro, sendo que todos os envolvidos podem ter a quantidade de parceiros que desejarem (Almeida, & Vanni, 2013; Almeida, & Lima, 2013). Portanto, o poliamorismo admite a possibilidade de coexistirem duas ou mais relações afetivas paralelas, em que seus participantes conhecem-se e aceitam-se uns aos outros, em uma relação múltipla e aberta (Gagliano, & Pamplona Filho, 2013).

Segundo Cardoso (2010), o primeiro registro bibliográfico do poliamor foi do ano de 1953, o qual foi encontrado no livro *Illustrated history of english literature*, escrito por Alfred Charles Ward, o qual atribuiu ao rei Henrique VII características de “determinado poliamorista”. A referida característica foi atribuída ao rei da Inglaterra, devido a seus contáveis casamentos, seis no total, tendo o autor sugerido que o referido rei teve a capacidade de amar várias mulheres. No entanto, apenas por volta de 1990, com um grupo de “neopagãos” que queria criar um “Glossário de Terminologia Relacional”, que este termo foi utilizado para designar as pessoas que possuíam relacionamentos amorosos e sexuais com mais de um parceiro simultânea e livremente, criando diversas discussões sobre a “não-monogamia”.

O livro intitulado *Polyamory: The New Love Without Limits*, escrito por Deborah Anapol, é uma das obras mais conhecidas tratando desse tema, e publicada na década de 90 (Cardoso, 2010). É importante também destacar que o poliamor existe como movimento organizado nos Estados Unidos há mais de 20 anos. Em novembro de 2005, por exemplo, foi realizada a Primeira Conferência Internacional sobre Poliamor, em Hamburgo, Alemanha. Um relacionamento poliamoroso, assim como um relacionamento monogâmico, podem possuir diversos acordos entre os integrantes dessa relação, como uma ‘rede de relacionamentos interconectados’, em que cada qual tem seus parceiros, mas estes não necessariamente namoram entre si.

Também, pode ser acordado que um dos parceiros seja poliamorista, enquanto o outro seja monogâmico, mostrando-se como a configuração deste tipo de união pode ser diversa e individual (Pilão, 2012; 2015); lembrando-se sempre que todo o relacionamento é consensual para todas as partes. Neste tipo de relação amorosa o que impera é a fidelidade ao sentimento e à lealdade aos parceiros; sendo assim, não há exigências para terem exclusividade emocional ou sexual; logo, não existe a idealização dos parceiros ou parceiras, nem o compromisso de satisfazer o outro em todos os aspectos (Almeida, & Vanni, 2013; Almeida, & Lima, 2013). Destarte, pode-se classificar o Poliamor como mais “igualitário”, pois todos podem ter mais de um relacionamento, amarem pessoas do mesmo sexo, e amarem, também, pessoas fora do grupo (Pilão, 2012; 2015).

Os seres humanos, mesmo que comprometidos, podem sentir atração por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, sendo isso, fator de risco para traições nas relações monogâmicas. Esse tipo de comportamento é regulado pelo auto e pelo hétero-controle, que consistem, respectivamente, no valor ético do indivíduo e na pressão exercida socialmente; assim, impedindo-se o desenvolvimento e aprofundamento de sentimentos por diversas pessoas. No poliamor, o indivíduo está constantemente sentindo-se atraído por outras pessoas e vice-versa. Como parceiros poli-afetivos, o diálogo é fundamental para que os envolvidos construam os “acordos” do relacionamento. A maior causa de problemas que envolvem a poli-afetividade está relacionada aos princípios monogâmicos. O ciúme, por exemplo, apesar de reduzido, ainda é muito presente e motivo de muitas brigas (Almeida, & Vanni, 2013; Almeida, & Lima, 2013).

Na sociedade brasileira, observa-se o predomínio do modelo de casamento cristão formal. Nesse sentido, como lidar com a realidade de muitas pessoas que findam seguindo um caminho diferente e confrontando o padrão da sociedade? Como as gerações vividas pelos idosos e as mais novas compreendem o amor e o poliamor? Diante da escassez de literatura acerca da temática em pauta, faz-se necessário desenvolver estudos na área, visando a compreender novas configurações de relacionamentos amorosos. Assim sendo, este estudo pode fornecer subsídios teóricos e práticos para profissionais que atuam na área. Além disso, serão focalizadas as relações intergeracionais.

A relação entre jovens e idosos e a maneira de expressarem suas atitudes, sofrem influência de diversas variáveis, tais como as crenças que possuem. As crenças são compreendidas como uma junção de pensamentos e ideias inseridas no cotidiano, nos julgamentos e na tomada de decisões (Beck, 1997). As crenças são influenciadas pelos contextos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais; portanto, o que para alguns grupos é visto como sendo uma crença válida, para outros pode não ser. Destarte, as crenças são consideradas reguladoras do comportamento e fundamentais para se avaliarem os preditores afetivos e cognitivos de comportamentos inerentes aos relacionamentos amorosos nas diversas fases do ciclo de vida, tais como a juventude e a velhice.

Partindo dessas informações, este estudo teve por objetivo investigar as crenças de jovens universitários e idosos sobre: a) o significado da palavra amor; b) o significado dos relacionamentos amorosos; c) o significado dos relacionamentos monogâmicos, dos poligâmicos e dos poliamorosos.

Método

Trata-se de um estudo exploratório, transversal e descritivo. A amostra foi obtida por conveniência. Participaram da pesquisa jovens universitários e idosos integrantes da UnATI - USP-EACH (Universidade Aberta da Terceira Idade; Universidade de São Paulo; Escola de Artes, Ciências e Humanidades). Os critérios de inclusão/exclusão para o grupo dos idosos foram: a) ter idade ou igual a superior a 60 anos; b) participar da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI); c) ter aspectos cognitivos preservados; d) aceitar participar da pesquisa a ser realizada por meio de um grupo focal sobre o tema poliamor. Os critérios de inclusão para os jovens universitários foram: a) ter idade igual ou superior a 19 anos; b) aceitar participar da pesquisa a ser realizada por meio de um grupo focal sobre o tema poliamor.

Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista com perguntas abertas, elaborada a partir de uma revisão de literatura. O roteiro da entrevista foi aplicado por meio da técnica dos Grupos Focais que diz respeito a grupos de discussão os quais dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate.

Distingue-se por suas características próprias, especialmente pelo processo de interação grupal, que é uma resultante da busca pelos dados. Essa técnica facilita a formação de ideias novas e originais, contextualizadas pelo próprio grupo, a interpretação de crenças, valores, conceitos, conflito etc. (Debus, 1997).

Os grupos foram investigados separadamente. Ambos assistiram a um curta-metragem (ano: 2010. Direção: José Agripino; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H3SbBZNotuc>) de 15 minutos sobre o poliamor. O referido curta apresenta como é a rotina de pessoas que resolveram adotar relações não monogâmicas consensuais. No filme, homens e mulheres de variadas idades cujos relacionamentos apresentam diferentes configurações, falam sobre seu cotidiano e expressam suas opiniões sobre as vantagens desse tipo de relação. Após o término do filme, os participantes responderam às perguntas inerentes aos objetivos da pesquisa.

Os encontros foram realizados numa sala reservada na USP - EACH, gravados e transcritos, sendo utilizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977/2000) que consistiu em três períodos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Reunindo as entrevistas transcritas, constituiu-se o *corpus* da pesquisa. Na fase da pré-análise, foi realizada uma *leitura flutuante*. Na exploração do material, foram obedecidas as regras de: (a) exaustividade – esgotando-se a totalidade da comunicação, não omitindo nem uma informação; (b) representatividade – representou-se o universo da amostra; (c) homogeneidade – os dados referiram-se ao mesmo tema, foram obtidos por técnicas iguais e aplicadas por indivíduos semelhantes; (d) pertinência – as entrevistas foram adaptadas aos objetivos da pesquisa; e (e) exclusividade – um elemento não foi classificado em mais de uma categoria.

O material foi explorado, codificando-o em função das regras supracitadas, sendo feita a escolha pela unidade temática e pela unidade de contexto, obtidas através de núcleos de sentido das falas das participantes. Em seguida, as categorias foram definidas e classificadas de acordo com seus conteúdos. O conteúdo das falas dos participantes foi organizado de acordo com um significado comum, expresso em códigos, relacionando-o a uma transformação dos dados brutos do texto, a qual permitiu atingir uma representação do conteúdo.

Foram criadas categorias analíticas que permitiram abarcar a totalidade das entrevistas em grandes eixos temáticos. A análise qualitativa da informação codificada favoreceu a verificação das ocorrências de cada categoria, a identificação de subcategorias, e a extração dos trechos das entrevistas correspondentes a elas.

O tratamento dos resultados obtidos e as interpretações compreenderam a frequência simples das unidades de análise. A ponderação da frequência de cada unidade traduziu um caráter quantitativo (dimensão) ou qualitativo (direção). A direção dos conteúdos analisados foi *favorável* (aspectos positivos das afirmações), *desfavorável* (aspectos negativos das informações) ou *neutra* (conteúdo indefinido, vago, indeterminado, indiferente ou imparcial, que não expressa partido nem a favor nem contra). Nesse sentido, foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa das entrevistas. A seguir, apresentam-se as categorias, as subcategorias e exemplos das falas dos participantes.

Categoria 1: Crenças de Jovens Universitários e Idosos participantes da UnATI sobre o significado de amor (DAS).

Definição: Nesta categoria estão presentes conteúdos inerentes à definição de amor por idosos e jovens universitários.

Subcategorias:

- a) Amar é gostar (G). Ex.: “*Amor, eu acho que é gostar.*” (Alex, jovem).
- b) Não ter discriminação (D). Ex.: “*amor [...] É... sem... sem discriminação.*” (Alex, jovem).
- c) Não há medidas e nem explicações para o amor (MA). Ex.: “*é algo... Inigualável assim.*” (Lívia, jovem); Ex.: “*Pra mim eu acho que o amor é tudo.*” (José, idoso).
- d) É um sentimento puro e maravilhoso (S). Ex.: “*o ideal seria você ter esse sentimento pro próximo entendeu?!*” (Isis, jovem).
- e) Amar é ser altruísta (A). Ex.: “*é você se doar pra outra pessoa mas é... Não esperar que ela te devolva isso.*” (Lívia, jovem); Ex.: “*é uma maneira de você querer bem ao outro.*” (Paulo, idoso)
- f) Sentimento que pode machucar quando há expectativas (E). Ex.: “*até porque você pode se machucar se você ficar esperando muito isso.*” (Luan, jovem).
- g) Atitude (AT). Ex.: “*Amar, eu acho que é uma atitude.*” (Luan, jovem).
- h) Respeito (R). Ex.: “*Pra mim amor é respeito.*” (Paulo, idoso).

i) Respeito não é amor (RNA). Ex.: *“Então, eu acho que... Respeito não é amor, tendeu?!”* (Paulo, idoso)

j) Amor de cobrança (AC). Ex.: *“não aquele amor de cobrança.”* (Vinicius, idoso).

h) Amor é diferente de paixão (ADP). Ex.: *“o amor verdadeiro que é diferente de paixão.”* (Vinicius, idoso).

i) Amor universal (AU). Ex.: *“você ama não no sentido homem e mulher.”* (Bianca, idosa).

j) Parceria (PAR). Ex.: *“aquilo que a pessoa precisa, necessita você esta ali do lado, certo?!”* (Bianca, idosa).

k) Apego (AP). Ex.: *“acho que amor é um apego.”* (Vinicius, idoso).

Categoria 2: Crenças de Jovens Universitários e Idosos participantes da UnATI sobre o significado de relacionamentos amorosos.

Definição: Nesta categoria estão presentes conteúdos inerentes à definição de relacionamento amoroso por idosos e jovens universitários.

Subcategorias:

a) Quando duas pessoas se envolvem amorosamente (PEA). Ex.: *“pra mim é quando duas pessoas... Se envolvem amorosamente.”* (Lívia, jovem).

b) Uma pessoa pode estar mais envolvida que a outra (PMEO). Ex.: *“você pode começar um relacionamento e uma ta bem mais envolvida”* (Lívia, jovem).

c) Tem altos e baixos (AB). Ex.: *“pra mim na verdade... Sinceramente um relacionamento amoroso [...] Tem altos e baixos.”* (Isis, jovem).

d) Acordo/contrato (AC). Ex.: *“duas pessoas acordam estarem juntas”* (Rita, jovem). Ex.: *“pra mim tem a ver com... Escolha.”* (Rosa, idoso)

e) Doação/troca (DT). Ex.: *“mas é quando existe duas pessoas que estão a fim de se doar uma pra outra.”* (Maria, jovem). Ex.: *“relacionamento amoroso é isso, se dedicar à outra pessoa.”* (José, idoso).

f) Estabelecer confiança, confidencialidade, cumplicidade com alguém (CCC). Ex.: *“mas quer ajudar esse parceiro a subir, entendeu?!”* (Luan, jovem).

g) Jogo de interesses (JI). Ex.: *“que nem um se sobreponha ao outro, ou seja, que nem um quer ser mais que o parceiro.”* (Luan, jovem).

h) Intimidade (I). Ex.: *“essa parte ela... Ela envolve mais intimidade.”* (Alex, jovem).

- i) Estabelecimento de rotina (CO). Ex.: *“ela pode cair numa coisa que é o cotidiano.”* (Alex, jovem)
- j) Pode ter desgaste de relacionamento (DR). Ex.: *“e o cotidiano desgasta os relacionamentos.”* (Alex, jovem).
- l) Reavaliar/reconstruir (RR). Ex.: *“é como se ele tivesse necessidade de ser reconstruído.”* (Alex, jovem).
- m) Compromisso e projeto mútuos (COM). Ex.: *“pra mim tem a ver com... [...] compromisso, [...] é... e projeto.”* (Rosa, idosa).
- n) Respeito (RES). Ex. Idoso: *“pra mim tem a ver com... [...], de novo respeito.”* (Rosa, idosa)
- o) Companheirismo (COMP). Ex.: *“acho que é companheirismo.”* (José, idoso).
- p) Sexo até uma fase da vida (SEX). Ex. Idoso: *“ate mesmo porque sexo é só até um tempo da vida”* (Bianca, idosa).
- q) Dificuldades (D). Ex.: *“dificuldade em lidar com outra pessoa.”* (José, idoso).
- r) Tolerância (TOL). Ex.: *“que esse amor recíproco seja tolerância.”* (Vinicius, idoso).
- s) Não ter cobrança excessiva (NTCE). Ex.: *“mas sem cobrança excessiva então.”* (Vinicius, idoso).

Categoria 3: Crenças de jovens universitários e idosos participantes da UnATI acerca de relacionamentos monogâmicos.

Definição: Nesta categoria estão presentes as crenças favoráveis, desfavoráveis ou neutras de idosos participantes da UnATI e jovens universitários acerca de relacionamentos monogâmicos.

Subcategorias:

- a) Favorável. Ex.: *“A vantagem é o relacionamento acaba sendo segurança.”* (Rita, jovem). Ex.: *“Pra mim ainda é compromisso, é desejo,[...], acredito muito nessa relação monogâmica.”* (Rosa, idoso)
- b) Desfavorável. Ex.: *“porque em casais, digamos ‘normais’, [...] ‘ah porque olhou para outra mulher’ que talvez ele esteja interessado e ele vai te falar que não, [...], e onde esta a honestidade?”* (Maria, Jovem). Ex.: *“às vezes você não esta preparado pra um casamento acha que o casamento vai ser um mar de rosas e não é... E não vai ser mesmo.”* (Vinicius, idoso).

c) Neutro. Ex.: *“Pra nós é normal se nós morássemos lá na Arábia Saudita e em outros países seria diferente.”* (Rita, jovem). Ex.: *“porque são duas pessoas completamente diferentes.”* (Vinicius, idoso)

Categoria 4: Crenças de jovens universitários e idosos participantes da UnATI acerca de relacionamentos poliamorosos

Definição: Nesta categoria estão presentes as crenças favoráveis, desfavoráveis ou neutras de idosos participantes da UnATI e jovens universitários acerca de relacionamentos poliamorosos.

Subcategorias:

a) Favorável. Ex.: *“elas se permitem e permitem os... As outras pessoas que elas gostam de viver outros amores.”* (Isis, jovem). Ex.: *“eu acho que... A vantagem [...] Eu acho todas.”* (José, idoso)

b) Desfavorável. Ex.: *“porque tem família que não vai aceitar de jeito nem um isso.”* (Isis, jovem). Ex.: *“é essa explosão mesmo de sujeiras.”* (Rosa, idoso)

c) Neutras. Ex.: *“Eu acho que se as pessoas escolheram viver dessa forma, todo mundo é livre.”* (Isis, jovem). Ex.: *“então eu fico imaginando que eu vou ter que ter sempre com eles, e com quem quer que seja, respeito, amor, é... Compreensão.”* (Rosa, idoso)

Categoria “Outras Respostas”: evidencia idiossincrasias, nas quais os autores adotaram um crivo de menos de 7% para a composição da categoria.

Resultados

Dados sociodemográficos

Participaram deste estudo doze sujeitos, sendo sete jovens universitários e cinco idosos. Os idosos tinham idades variando entre 62 e 68 anos (três do sexo masculino e duas do sexo feminino); três deles eram católicos e dois declararam não possuir religião, mas acreditavam em Deus. Dentre os cinco idosos participantes, quatro tinham ensino médio completo; e um superior incompleto.

Quanto ao estado civil, quatro eram casados; e um era viúvo; entre os casados, três disseram ter mais de 35 anos de união; e um não respondeu à questão; todos os participantes possuíam filhos, sendo a média de 2,8 filhos por participante; e a de netos de 3,8 por idoso.

No que se refere ao arranjo de moradia, dois idosos moravam com os cônjuges; um com cônjuge e filho; um com irmãos; e um morava sozinho. Quanto à renda mensal, um dos idosos não se sentiu confortável em declarar; dois recebiam de 3 a 4 salários mínimos; e dois recebiam de 7 a 8 salários mínimos.

Também, participaram do estudo, sete jovens universitários estudantes do quarto ano do curso de graduação em Gerontologia da USP-EACH, com idades variando entre 22 a 42 anos, sendo cinco mulheres e dois homens; quanto à religião, quatro se declararam espíritas, dois católicos e um sem religião. Em relação ao nível de escolaridade, quatro possuíam ensino superior incompleto; e três possuíam ensino superior completo. Dentre os sete participantes, apenas uma pessoa era casada e possuía uma filha.

No que se refere ao arranjo de moradia, dois participantes moravam com amigas; dois moravam com os pais; dois moravam com os pais e irmãos; e uma morava com marido e filha. Quanto à renda mensal, um participante não se sentiu confortável em declarar sua renda; três participantes recebiam de 1 a 2 salários mínimos; um recebia de 3 a 4 salários mínimos; e um recebia de 7 a 8 salários mínimos. A seguir, serão apresentadas as categorias e subcategorias obtidas por meio da análise de conteúdo.

O significado da palavra amor para os participantes deste estudo

O significado da palavra amor para os jovens universitários destacou-se pela subcategoria denominada *altruísmo* (46%), seguida de *sentimento puro e maravilhoso* (20%), e *não há medidas e explicações para o amor* (17%). Para os idosos, *amor é tudo; é universal* (36%), *altruísmo* (25%) e *parceria* (11%). Ver tabela 1.

Tabela 1. Conceitos atribuídos à palavra amor segundo jovens universitários e idosos participantes da UnATI

Conceitos atribuídos à palavra amor	Frequência das unidades de análise	
	Absoluta	Percentual
<i>Jovens</i>		
Altruísmo	16	46
Um sentimento puro e maravilhoso	7	20
Não há medidas e explicações para o amor	6	17
Gostar	2	6
Não ter discriminação	1	3
Sentimento que pode machucar quando há expectativas	1	3
Ter uma certeza na vida	1	3
Atitude	1	3
TOTAL	35	100
<i>Idosos</i>		
Amor é tudo; é universal	10	36
Altruísmo	7	25
Parceria	3	11
Respeito	2	7
Respeito não é amor	2	7
Amor não é cobrança	1	4
Amor é diferente de paixão	1	4
Amor é algo a ser cultivado	1	4
Apego	1	4
TOTAL	28	100

Relacionamentos amorosos

A tabela 2 apresenta as crenças de jovens universitários e idosos sobre o significado de relacionamentos amorosos. Foi dada maior ênfase à subcategoria *estabelecer confiança, confidencialidade, cumplicidade com alguém* (20%); seguida de ser um *acordo/contrato* (18%). Também disseram que *é quando duas pessoas se envolvem amorosamente* (16%). Para os idosos, o relacionamento amoroso é *respeito* (25%), *é companheirismo* (15%) e *tolerância* (15%).

Tabela 2. Crenças sobre relacionamentos amorosos segundo jovens universitários e idosos participantes da UnATI

Relacionamentos amorosos	Frequência das Unidades de Análise	
	Absoluta	Percentual
Jovens		
Estabelecer confiança, confidencialidade, cumplicidade com alguém	9	20
Acordo/contrato	8	18
Quando duas pessoas se envolvem amorosamente	7	16
Jogo de interesses	4	9
Estabelecimento de rotina	4	9
Doação/troca	4	9
Uma pessoa pode estar mais envolvida que a outra	3	7
Intimidade	3	7
Têm altos e baixos	1	2
Reavaliar/reconstruir	1	2
Pode haver desgaste do relacionamento	1	2
TOTAL	45	100
Idosos		
Respeito	5	25
Companheirismo	3	15
Tolerância	3	15
Acordo/escolha	2	10
Compromisso e projeto mútuos	2	10
Altruísmo	2	10
Sexo até uma fase da vida	1	5
Dificuldades	1	5
Não ter cobrança excessiva	1	5
TOTAL	20	100

Relacionamentos monogâmicos

Na tabela 3, constatou-se que os idosos apresentaram crenças mais neutras a respeito das relações monogâmicas (40%). Já os jovens destacaram as relações monogâmicas como sendo mais favoráveis (37%) que neutras (32%).

Tabela 3. Crenças sobre relacionamentos monogâmicos

Crenças sobre relacionamentos monogâmicos	Jovens		Idosos		Total	
	n	%	n	%	n	%
Neutros	25	32	35	40	60	37
Favoráveis	29	37	26	30	55	34
Desfavoráveis	24	31	27	31	51	29
TOTAL	78	100	88	100	166	100

Relacionamentos poliamorosos na opinião dos participantes deste estudo

A tabela 4 mostra que tanto os idosos, quanto os jovens são neutros no que se refere a relacionamentos poliamorosos, com 66 unidades de análise (49%), e 51 unidades de análises (43%), respectivamente.

Tabela 4. Crenças de jovens universitários e idosos participantes da UnATI sobre relacionamentos poliamoroso

Crenças sobre relacionamentos poliamorosos	Jovens		Idosos		Total	
	n	%	n	%	n	%
Neutros	51	43	66	49	117	46
Favoráveis	45	38	35	26	80	31
Desfavoráveis	23	19	35	26	58	23
TOTAL	119	100	136	100	255	100

Discussão

O amor é um sentimento universal presente em todas as culturas. A definição de amor é mutável, dependendo de fatores como: para quem se pergunta e em que época se pergunta. Sabe-se que o significado de amor mudou no decorrer da história do mundo, principalmente por se tratar de uma crença emocional, em que seu conceito não é algo fixo, podendo ser modificado, mantido, alterado, melhorado ou piorado de acordo com a época e as pessoas que o conceituam de forma idiossincrática (Almeida, 2017). Assim, o conceito de amor é algo íntimo e pessoal, mas também depende de outras variáveis como época, cultura, gênero, classe social, etnia e/ou orientação sexual (Chaves, 2010).

No presente estudo, destacaram-se dois conceitos principais entre os jovens e os idosos, sendo que, entre os jovens, o amor altruísta ganhou maior destaque, enquanto entre os idosos o fato de não existir medidas nem explicações para o amor foi o que possuiu maior ênfase. Para ilustrar tais afirmações, apresentam-se os discursos a seguir: “é você se doar para pra outra pessoa mas é... não esperar que ela te devolva isso.” (Lívia, jovem); “pra mim eu acho que o amor é tudo” (José, idoso).

Sugere-se, por meio de uma aproximação entre as falas dos participantes com as categorias taxonômicas de Lee (1974), para este trabalho, que todos os seis tipos de amor foram citados tanto pelos jovens, quanto pelos idosos nas questões relacionadas à concepção de amor e à concepção de relacionamento amoroso.

Dessa forma, os estilos de amor, Mania, Pragma, e Eros foram mais ligados a relacionamentos poliamorosos; enquanto Ludus, Storge e Ágape foram mais ligados a relacionamentos monogâmicos.

Seguem exemplos das falas dos participantes sobre essas afirmações. *Mania*: “mas a desvantagem [do poliamor] acho que é o ciúme” (José, idoso); *Pragma*: “porque dá pra gente justificar essas pessoas, as carências maiores dessas pessoas [poliamorosas], porque eles ficam procurando aqui e aqui, pô gente, é legal porque com um eu saio, com outro eu ganho dinheiro, com outro não sei o que, jogo de interesse” (Rosa, idosa); *Eros*: “eu acho que a vantagem [do poliamor] é a pessoa momentânea” (Vinicius, idoso); *Ludus*: “Porque você luta pra fechar um... uma determinada... uma defesa, por exemplo, aí [no poliamor] você não tem que lutar, já tá tudo aberto” (Paulo, idoso); *Storge*: “[o relacionamento amoroso] tem como base a confiança, a confidencialidade, a cumplicidade que eu acho que isso é o mais importante” (Luan, jovem); *Ágape*: “[o amor] é você se doar pra outra pessoa, mas é... não esperar que ela te devolva isso” (Lívia, jovem).

A literatura indicou que a sociedade ocidental é marcada pelo ideal do amor romântico, não apenas em escritos científicos, mas em novelas, livros, filmes, entre outros (Toledo, 2013). Este estudo também revelou a influência do amor romântico nas crenças dos participantes, como é demonstrado no *significado da palavra amor*, que claramente a maior parte das unidades de análise remetia ao estilo de amor romântico (exemplo das subcategorias: *Altruísmo; um sentimento puro e maravilhoso; não há medidas nem explicações para o amor; gostar; não ter discriminação; ter uma certeza na vida; amor é tudo, é universal; parceria; respeito; apego; amor não é cobrança; amor é algo a ser cultivado*).

Se no quesito *significado da palavra amor*, jovens e idosos romantizavam tal conceito, na questão *relacionamentos amorosos* ambos se mostraram menos sentimentais e mais realistas (*Acordo/contrato; jogo de interesse; estabelecimento de rotina; uma pessoa pode estar mais envolvida que a outra; têm altos e baixos; reavaliar/reconstruir; pode haver desgaste do relacionamento; tolerância; sexo até uma fase da vida; dificuldades; não ter cobrança excessiva*).

Como relatado por Kinas e Vendruscolo (2010), os relacionamentos amorosos possuem significados diferentes para cada indivíduo, o modo como cada um vivencia seu relacionamento traz duas configurações distintas, a perspectiva positiva e a perspectiva negativa, como é demonstrado nos exemplos a seguir: “*relacionamento amoroso é parceira... parceria... você tá ali do lado a lado pro que der e vier.*” (Bianca, idosa); “*Essa parte ela... Ela envolve mais intimidade... É... E aí a intimidade, ela pode cair numa coisa que é o cotidiano, e o cotidiano, ele desgasta os relacionamentos, então, o relacionamento ele tem que ser... É como se ele tivesse necessidade de ser reconstruído por conta exatamente da intimidade e por conta do cotidiano... A gente tem... A gente tem outros papéis e dentro desses papéis somos exigidos e a exigência é... Desses outros papéis fogem... Ou nos puxam pra outro lado que não ajuda... Ou não contribui naturalmente para um relacionamento, e aí é nessa... Nesse tumulto é onde que acontecem os problemas os estremecimentos, os desentendimentos...*” (Alex, Jovem).

As crenças de idosos e jovens universitários sobre relacionamentos monogâmicos são antagônicas, pois os jovens analisaram este tipo de relacionamento como sendo *favoráveis* (37%); já os idosos analisaram esta categoria como *desfavoráveis* (31%); tal fato pode ocorrer devido ao fato de que todos os idosos tenham sido casados e possuam maior experiência em relacionamentos que os jovens entrevistados. Mesmo o *score* para *desfavorável* sendo maior entre os idosos, estes a todo o momento afirmavam ser a melhor forma para se ter um relacionamento amoroso, como é demonstrado no exemplo a seguir: “*eu acredito piamente na relação é... nessa decisão de viver para sempre juntos.*” (Rosa, idosa)

Com relação a *relacionamentos poliamorosos*, tanto os jovens quanto os idosos declararam-se *neutros* (total de 46%); contudo, ao se descartarem os aspectos neutros, tem-se um realce dos aspectos positivos (total de 31%), mas mesmo esta categoria possuindo destaque, ainda nota-se um forte preconceito em relação a indivíduos poliamorosos, sendo que tanto os idosos quanto os jovens, em seus discursos, implicitamente deixavam claro que, apesar de todos os aspectos positivos, não possuiriam um relacionamento poliamoroso, como é demonstrado no exemplo a seguir: “*As pessoas [poliamoristas] entrevistadas no vídeo apresentado pra gente, elas se sentem é... confortáveis e são felizes vivendo dessa maneira, assim como eu, por exemplo, e outras pessoas, ficam muito mais confortáveis com a monogamia; então, eu não conseguiria dividir um homem com outra mulher entendeu?!*” (Isis, Jovem).

Percebe-se que o conceito de amor, relacionamentos amorosos, e poliamor é heterogêneo, polissêmico, e influenciado pelas experiências individuais de cada pessoa. Como já citado neste trabalho, alguns fatores externos podem contribuir para a formação da concepção do indivíduo, tais como a cultura, o grupo social e a época vivida.

Considerações finais

Muitas pessoas, chamadas de poliamoristas, ao se permitirem mais de um relacionamento amoroso simultâneo, não veem o sexo como a base da relação, embora sigam o impulso sexual na maioria das vezes. Tendem a não sentirem ciúme. O poliamor tem origem na nossa capacidade de sentir afeto, atração sexual e atração romântica por várias pessoas. Aqueles que permitem que esta capacidade seja expressa por meio dos seus comportamentos, acabam desenvolvendo vários tipos de relacionamentos, com vários parceiros diferentes. Outros termos já foram usados para descrever este tipo de ato: “amizade colorida”, “amizade com benefícios”, “amizade com privilégios”.

Uma pessoa poliamorista não aceita a ideia de que o parceiro possa completá-la de todas as maneiras, nem mesmo que os dois vão se transformar numa só pessoa. Por isso, não se exige exclusividade nas relações; o poliamor pressupõe honestidade. Os poliamoristas argumentam que não se trata de procurar obsessivamente novas relações, pelo fato de ter essa possibilidade sempre em aberto, mas sim de viver naturalmente, tendo essa liberdade em mente. Para quem é poliamorista, esta prática pressupõe uma total honestidade dentro da relação. Não se trata de enganar nem magoar ninguém. Tem como princípio que todas as pessoas envolvidas estão a par da situação e se sentem confortáveis com ela.

O poliamor vai além da relação sexual. A ideia principal do poliamor é admitir uma variedade de sentimentos que se desenvolvem em relação a várias pessoas, e que vão além da mera relação sexual. Para os poliamoristas, o sexo é visto apenas como complemento secundário e o relacionamento amoroso como o fator primordial para que a pessoa se sinta muito mais feliz e completa. Um dos principais motivos para que o poliamor ganhe cada vez mais adeptos pode estar no fato de, a cada dia, haver menos idealização do outro.

O poliamorismo ou poliamor, nova forma de conjuntura familiar, apresenta a possibilidade de ter dois ou mais relacionamentos afetivos paralelamente, em que os seus componentes conhecem-se e aceitam-se uns aos outros, em uma relação múltipla e aberta.

No presente trabalho, observou-se que as crenças sobre amor, poliamor e relacionamentos amorosos refletiram a influência dos contextos sociocultural e histórico no decorrer das décadas. Diante da complexidade e da escassez de literatura do tema abordado, faz-se necessária uma maior investigação acerca da temática abordada neste estudo como, por exemplo, a influência dos avós nos relacionamentos amorosos dos netos e na escolha do tipo de relacionamento escolhido por estes.

Referências

- Almeida, T. (2008). As (im)possibilidades afetivo-sexuais para a velhice frente ao Novo Milênio. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 2, 9-18.
- Almeida, T. (2013). A paquera na terceira idade: possibilidades para um novo recomeço. In: Almeida, T. (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante e o depois*. (v.1, 437-453). São Carlos, SP: Compacta.
- Almeida, T. (2017). *O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira*. Tese de doutorado. São Paulo, SP: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2008). Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. *RBCEH. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 5(1), 130-140. Recuperado em 01 julho, 2016, de: doi: <http://dx.doi.org/10.5335/rbceh.2012.104>.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2009). Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. Passo Fundo, RS: *RBCEH. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(2), 233-244. Recuperado em 01 julho, 2016, de: doi: <http://dx.doi.org/10.5335/rbceh.2012.171>.
- Almeida, T., & Lima, R. D. (2013). Relações poliamorosas: quando o amor se multiplica. In: Almeida, T. (Org.). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* (v. 1, 375-390). São Carlos, SP: Compacta.
- Almeida, T., & Vanni, G. (2013). *Amor, ciúme e infidelidade: como estas questões afetam sua vida*. São Paulo, SP: Letras do Brasil.

- Antunes, E. S. D. C., Mayor, A. S., Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2010). Considerações sobre o Amor e a Sexualidade na Maturidade. *Pensando Famílias*, 14(2), 121-138. Recuperado em 01 julho, 2016, de: http://www.academia.edu/1059943/Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_o_Amor_ea_Sexualidade_na_Maturidade.
- Bardin, L. (2000) *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bastos, C. C., Closs, V. E., Pereira, A. M. V. B., Batista, C., Idalêncio, F. A., De Carli, G. A.,... & Schneider, R. H. (2012). Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(1), 87-95. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232012000100010>
- Beck, J. S. (1997). *Terapia cognitiva: teoria e prática*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Cardoso, D. (2010). *Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor*. Dissertação de mestrado. Lisboa, Portugal: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.nipiac.ufrj.br/producao2/item/460-as-percepcoes-de-jovens-sobre-os-relacionamentos-amorosos-na-atualidade>.
- Debus, M. (1997). *Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales*. Washington (USA): Academy for Educational Development.
- Falcão, D. V. S. (2006). As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In D. V. S. Falcão, & C. M. S. B. Dias (Orgs.), *Maturidade e Velhice: pesquisas e Intervenções Psicológicas*, 59-80. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Gagliano, P. S., & Pamplona Filho, R. (2013). *Novo curso de direito civil: direito de família*. São Paulo, SP: Saraiva.
- Kinas, R., & Vendruscolo, G. B. B. (2010). O despertar do amor nos bailes da terceira idade. *Psico*, 41(1), 14-20. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4048/5213>.
- Lee, J. A. (1974). The styles of loving. *Psychology today*, 8(5), 43-51.
- Martins-Silva, P. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(1), 16-31. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000100003>.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669-677. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a07.pdf>.
- Pilão, A. C. (2012.). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, 1, 62-73. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/viewFile/14231/8159>.
- Pilão, A. C. (2015). Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu [online]*, 44, 391-422. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4449201500440391>.

Reis, B. F. (1992). O amor à luz da psicologia científica. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 5(2), 23-40.

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. Recuperado em 01 julho, 2016, de: http://bernard.pitzer.edu/~dmoore/1986_Sternberg_TriangleLove_PsyRev.pdf.

Toledo, M. T. (2013). Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade: do romantismo aos padrões da cultura de massa. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano*, 2(2), 303-320. Recuperado em 01 julho, 2016, de: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/viewFile/50/50>.

Recebido em 29/05/2017

Aceito em 30/06/2017

Natani Harumi Hatakeyama – Bacharel em Gerontologia e mestranda em Gerontologia, Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: natani.harumi@gmail.com

Thiago de Almeida – Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Mestre em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP). Bacharel/Formação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

E-mail: thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br

Deusivania Vieira da Silva Falcão – Professora Doutora dos cursos de graduação e pós-graduação em Gerontologia, Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Licenciatura/Formação em Psicologia. Mestra em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Psicologia, Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: deusivania@usp.br